

SER MULHER: CONSIDERAÇÕES VINCULADAS AO GÊNERO FEMININO IMPLICADO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER CONTEMPORÂNEA

*Lúcia Helena Marchi**
*Marcos Alberto Cipullo***

RESUMO

A discussão sobre o gênero feminino vem sendo objeto de estudo de vários autores. Este trabalho pretende, seguindo argumentações teóricas, tirar da vivência, através de narrações de mulheres adultas, a experiência do ser mulher e confrontá-la com o que já se configura nesses estudos. Objetiva ainda acrescentar a esta constelação unidades de significado que emergem da vivência, podendo desta maneira confirmar aspectos que possam impedir ou concorrer para uma vivência autêntica.

Palavras-chave: gênero feminino, experiência, unidades de significado, identidade, autenticidade.

ABSTRACT

The discussion on the feminine gender is being the object of several studies. This work intends to get experiences of women in their lives and face it with old studies, using women's narrations and following theoretical arguments. It still aims to add to this constellation the units of meaning that emerge from the existence, confirming aspects that may stop or compete with an authentic existence.

Key words: feminine gender, experience, units of meaning, identity, authenticity.

INTRODUÇÃO

O grupo escolheu este tema para uma maior compreensão sobre a formação da identificação do gênero feminino; de maneira resumida procuramos compreender o seu significado no campo da construção teórica, relacionando alguns pressupostos que norteiam os estudos e compreensão de diversas(os) estudiosas(os), nesta fase atual.

Levinson (1997) retrata um modelo das estações da vida adulta. Seu conceito central é o de estrutura de vida, que constitui o "padrão ou projeto subjacente da vida de uma pessoa, em um determinado momento". A estrutura de vida inclui papéis, embora inclua ainda a qualidade e o padrão das relações de uma pessoa, tudo filtrado pela personalidade e pelo temperamento. As estruturas de vida não são permanentes, exatamente pelo fato de os papéis e as relações se modificarem. Ele propõe que cada adulta cria uma série de estruturas de vida, em determinadas idades, com períodos de transição entre elas, quando a antiga

* Marilce Caleffo. Aluna do curso de Psicologia; Maristela Ribeiro. Aluna do curso de Psicologia; Silvia Verônica Pacanaro. Aluna do curso de Psicologia.

** Prof. Dr. Marcos Alberto Cipullo.

estrutura de vida é abandonada ou reexaminada e modificada. O mesmo autor divide o ciclo de vida em uma série de amplas épocas, cada uma delas com uma duração. No âmbito de cada época, ele propõe três períodos: a criação de uma estrutura de vida inicial ou de acesso, descrita com uma fase principiante; um reajustamento intermediário daquela estrutura de vida e uma fase culminante de estrutura de vida, criada ao final da época. Este ciclo de vida passa por uma transição ao início da vida adulta entre 17 e 22 anos. Concebe uma estrutura de vida de acesso ao início da vida adulta entre 22 e 28 anos. Ocorre uma transição dos 28 aos 33 anos e há uma estrutura de vida culminante do início da vida por volta dos 30 a 40 anos. Ocorre uma estrutura de vida de acesso à vida adulta intermediária entre 40 e 45 anos. Novamente ocorre uma transição dos 50 aos 55 anos. Em seguida ocorre uma estrutura de vida culminante da vida adulta intermediária dos 55 aos 60 anos e há uma transição adulta tardia entre 60 e 65 anos.

O dicionário define o significado de gênero como “qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, idéias, que tenham caracteres comuns” (FERREIRA, 1995). Se seguirmos pelos caminhos da língua brasileira, buscando o sentido do termo, vamos muito mais além, pois a língua reflete a construção cultural do povo que a nomeia, a partir da dominância de características comuns, representações sociais, como escola, igreja, direito, etc., as normas e valores instituídos socialmente e expressos em códigos de comportamentos sociais.

A conceituação de gênero, enquanto possibilidade de “entender processos de construção/reconstrução das práticas das relações sociais, que homens e mulheres desenvolvem/vivenciam no social” (BANDEIRA; OLIVEIRA, 1990), tem redundado em algumas questões que precisam ser mais bem clareadas. Em primeiro lugar, o conceito tem uma história, pois ao longo dos séculos as pessoas utilizaram de forma figurada “os termos gramaticais para evocar os traços de caráter sexuais” (SCOTT, 1995). Assim, já em 1978, Gladstone (apud SCOTT, 1995) afirmava que Atena não tinha nada do sexo além do gênero, nada da mulher além da forma.

Poderíamos enfrentar a explicação do conceito gênero das mais variadas formas e sob os mais variados prismas teóricos, no entanto utilizaremos a conceituação de Scott referente à noção de identidade subjetiva: como as identidades de gênero são construídas, a partir de formação de conceitos/preconceitos imaginária e simbolicamente. A partir da compreensão da linguagem enquanto elemento formador e constitutivo do psiquismo, bem como os símbolos, que prendem os sujeitos a formas normativas de exercer a sua subjetividade. Como trabalha, por exemplo, a educação diferenciada existente no seio da nossa sociedade hoje, constituindo formas específicas de internalização de valores grupais e sociais. Como viver o exercício da sexualidade amarrado aos conceitos de papéis sexuais, de masculino/feminino, de normalidade e anormalidade, de pureza e sujeira.

Desta forma vemos que a mulher, no sentido da construção da língua, do

significado social do termo que a deveria nomear, só existe como meretriz ou reprodutora, não tendo função social fora dessas denominações. O exercício de cidadania e o exercício dos desejos são ignorados. Assim também, se é verdade o que Lacan coloca, que o "Inconsciente tem uma sintaxe particular, sendo estruturado como uma linguagem", vemos que não é à toa que ele coloca a mulher fora do nominável: "A mulher não existe". Quando Lacan se refere a esse enunciado, diz que *feminilidade* se coloca na categoria do inominável, revelando a impotência do saber nomear o feminino como tal (ALMEIDA, 1992).

Cada época histórica e cada cultura oferecem condições mais ou menos favoráveis para a realização dos princípios da identidade feminina. Dois mil e quinhentos anos de civilização, a partir do apogeu grego, trazem em seu bojo todo um legado cultural: o imaginário humano sendo povoado por "uma gama imensa de mitos, cosmogonias, seres folclóricos, etc. A posição e o papel da mulher em meio a este circuito acabam sendo expressos no imaginário" (ALMEIDA, 1992).

No final do século XIX e no início do XX, segundo Alves (2000), a mulher era escolhida ao mesmo tempo em que era comandada. Os pais e irmãos direcionavam com quem a mulher tinha que casar, e por isso na maioria das vezes não podia estudar, pois sua tarefa era ficar em casa, cuidando dos filhos.

Na atualidade a mulher já tem uma abertura maior para a sua escolarização e o campo de trabalho para as mulheres está aumentando cada vez mais.

Essa maior escolarização e a profissionalização da mulher acarretavam um contato social mais amplo e constante. Mas ainda assim além da entrada da mulher para o mercado de trabalho, recai sobre ela o excesso de trabalho: mantém atividades fora do lar mas continua sendo responsável pelo andamento da casa, dos filhos, do marido etc.

Nesta visão, diz Alves (2000), pode-se afirmar que valores tradicionais como "respeito", "obediência", "submissão", "delicadeza", "habilidades manuais", "pureza", que foram considerados atributos fundamentais e definidores da "boa moça", até meados do século XX, são "passados para trás", enquanto a mulher conquista o direito à escolarização e a exercer atividades profissionais diversificadas.

Pode-se então assumir que houve alterações drásticas e que o questionamento que subsistiu em boa parte do século XX fez com que certos valores chegassem até à negação enquanto outros adquirissem maior relevância, levando a mulher a se distanciar do ideal anteriormente pregado. Podem-se destacar as seguintes mudanças:

1) No espaço em que era (e é agora) permitido que a mulher transitasse. Na década de 30 quando a mulher nem podia sair à rua para fazer compras, a não ser que estivesse acompanhada de uma pessoa mais velha. O direito de ir e vir vai surgindo e cada vez se tornando maior, sendo poucos os ambientes em que existe proibição ou a não recomendação de sua presença.

2) Em relação ao trabalho, a mulher parte da casa, do trabalho doméstico e à igreja e se profissionaliza; ela alcança na atualidade postos elevados

e importantes em muitas sociedades.

3) No casamento, antes era representado pela aprovação ou não de escolhas feitas de um membro masculino da família, e na atualidade chega-se então ao momento em que a “escolha é livre”, e esta última década fica também marcada pelo aumento no número de separações, implicando numa exigência de mudança nas definições do que é ou não valorizado na mulher.

Murano (1997) relata que no decorrer dos tempos percebemos que as relações entre os seres humanos dependem da maneira como os grupos produzem a sua própria subsistência. Há uma predominância, os grupos e os gêneros são ligados por laços frouxos, as comunidades são governadas não pela força, mas pela persuasão, não pela autoridade do chefe, e sim por consenso, não por guerras nem dentro nem fora dos grupos. Esta situação vai se modificando à medida que as relações com o meio ambiente vão se tornando mais hostis, começa a haver a dominação do homem sobre a mulher e do mais forte sobre o grupo. No século XIX, quando o patriarcado se inicia, essas relações de dominação e escravização se solidificam e se cristalizam, até chegarmos aos dias de hoje, com a dominação planetária e o perigo de extinção da espécie. À medida que essas relações vão mudando, vai se transformando, concomitantemente, através de gerações, a estrutura psíquica de homens e mulheres.

Nas culturas de coleta, em que não havia estratificação de gênero, as crianças eram educadas igualmente para conseguirem autonomia diante da natureza. Eram respeitadas e não tinham a autoridade do poder, pois a solidariedade e a partilha eram lei dos grupos pequenos e frágeis.

Num período de transição, em que os homens começam a predominar sobre as mulheres, eles passam a exprimir sua inveja das funções maternas e as dominam pela força, mas as mulheres ainda exercem muita influência.

Quando o patriarcado se instala plenamente nas culturas pastoris e agrárias, as relações entre os sexos se tornam relações de medo.

A racionalidade então passa a ter prevalência sobre o pensamento mágico e a emoção, passa a ser construída a história e instalam-se a violência e a competição em todos os níveis. Contudo, o inconsciente do homem, a racionalidade em detrimento da emoção, o corpo reprimido em favor da alma, a intuição cede lugar à inteligência racional e limiar. Então se separa da mulher, separação essa concretizada na divisão do domínio público e privado e também na divisão sexual do trabalho. Desde criança a mulher se percebe como inferior, dominada, contudo, como a mulher já vem “castrada”, a psique feminina não se divide como a do homem. Assim como a divisão interna do homem o torna apto para exercer seu papel no domínio público, a maior integridade da mulher é adequada para suas funções de depositária de amor, do cuidado, da intuição, da emoção, da partilha então restritos ao domínio privado. Essa adequação é concretizada na própria identificação sexual de ambos. Mas o que está acontecendo pouco a pouco é

que a divisão sexual do trabalho (que já mudou) está mudando também a posição de ambos os gêneros dentro do domínio privado.

Percebe-se que as relações entre homens e mulheres vão se modificando de acordo com a mudança da relação dos grupos humanos com o meio ambiente e como o sistema de partilha e solidariedade vai se transformando no sistema competitivo, à medida que progride a tecnologia e a população aumenta. Neste limiar do terceiro milênio, por sua vez, está acontecendo uma revolução fantástica: pelo fato de o capitalismo ter fabricado mais máquinas do que homens, as mulheres invadem o mundo masculino e tecnicamente acabam com a separação entre o mundo privado e o público.

No mundo inteiro, a entrada recente da mulher no domínio público, na prática independentemente de qualquer ideologia, está trazendo uma transformação das estruturas psíquicas tanto de homens quanto de mulheres e concomitantemente uma mudança de estruturas socioeconômicas pelos caminhos mais surpreendentes, modificação esta que vem se realizando sem que seja quase percebida. À medida que a mulher entra no domínio público, o homem se vê obrigado a entrar no domínio privado, ajudando a companheira nos trabalhos domésticos e no cuidado com os filhos.

Desde que nasce, a criança já não vê mais o pai mandando e a mãe obedecendo, mas sim dois centros de poder diferentes atuando com igual dignidade. Portanto, passa a achar "natural" uma sociedade pluralista e democrática em que há consenso, rodízio de lideranças, partilha. Para sempre, então, tenderá a rejeitar qualquer autoritarismo e qualquer opressão. Evidentemente não podemos dizer que a causa única da superação do totalitarismo tenha sido o crescimento da mulher no domínio público, mas este desmoronar do patriarcalismo, no seu cerne, certamente está contribuindo de maneira decisiva para que isto esteja acontecendo.

Grisci (1995) realizou uma pesquisa com o objetivo de investigar os modos e estratégias utilizadas pela ideologia patriarcal para reproduzir relações de gênero em condições sócio-históricas específicas. Esta pesquisa investigou a ideologia e maternidade com inspiração em Velázquez (1987). Para tanto, o autor contempla três fases distintas: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/re-interpretação. A análise dos dados de pesquisa nos revela de forma abundante como os modos de operação da ideologia e suas estratégias de ação interpelam a mulher-mãe. De modo geral, ao acionar suas estratégias, a ideologia caracteriza a maternidade como definidora da identidade feminina, negando seu processo histórico e normatizando o papel de mãe.

Segundo a autora, ser mulher está biológica e socialmente tão relacionado a ser mãe que se caracteriza quase uma heresia pensar a mulher-mãe como binômio de uma construção. A crença numa vontade eterna de serem mães, seguida da necessidade do cumprimento de um dever para com a vida, que extrapola sua própria existência. O amor materno, por sua vez,

constitui-se uma das mais delicadas facetas no entendimento da ideologia em relação à mulher-mãe, pois para a autora converge a dimensão santificada atribuída à maternidade.

Assim, ideologicamente ser mãe não é só gerar, mas também não é só criar, o que torna a mulher mãe vulnerável à ideologia: sem filhos, está em falta com sua natureza de mulher, uma vez que não cumpriu sua função biológica; com filhos, fica comprometida como exclusiva criadora. As mulheres trazem as normas regentes de sua conduta tão bem internalizadas que elas próprias vão em busca do ato subversivo que justifique o castigo imposto pelo poder patriarcal, seja ele real ou imaginário.

Os resultados desta pesquisa mostram-se concretamente dolorosos. Contudo, na dialética da vida, existem algumas saídas. O que se evidencia como necessidade é que essas ações signifiquem, cada vez mais, ações coletivas, integradas ao mundo social como um todo. E que elas sirvam para denunciar as relações que acarretam algum sofrimento.

Evidentemente, ainda que a superação do patriarcado e do sistema competitivo não seja para a geração presente, tem que forçosamente acontecer nas duas ou três próximas gerações, se não quisermos correr o risco de ela simplesmente não acontecer em tempo hábil.

A grande lição que nos deixaram tanto o cristianismo quanto o socialismo é que transformações estruturais e de mentalidade devem vir juntas, completando-se umas às outras. À integração do público e do privado corresponde a do homem e da mulher, que, por sua vez, dá origem, nas novas gerações, à integração, dentro de cada ser humano, do corpo e da mente, da emoção e da racionalidade, superando-se, assim, em longo prazo o domínio hegemônico da racionalidade na ciência e no conhecimento da emoção e da ética.

A necessidade de sobreviver é a única mola que impulsiona qualquer utopia. Só quando pudermos ver no outro um irmão, um aliado, e não um opressor ou um inimigo, é que poderemos saber que as duas instâncias mais difíceis e mais longas de integração exigidas para a continuação de nossa espécie, que são a dos seres humanos entre si e da humanidade com o meio ambiente, serão conseguidas.

Só poderemos voltar ao jardim da árvore da vida se destruímos o Deus patriarcal e fizermos dele ao menos um Deus que seja ao mesmo tempo macho e fêmea.

Talvez Beauvoir (1990) na citação “ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade, e o conjunto da civilização que elaborou esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”. Ela argumenta com muita propriedade e traduz o que Lacan não se aventurou fazer quando diz “mulher não existe”.

OBJETIVO

Esta pesquisa teve por objetivo entrevistar e analisar os relatos de mulheres sobre suas experiências do “ser mulher”, e buscar compreender uma visão do que é a vivência enquanto identidade do gênero e suas implicações.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa foram realizadas entrevistas individuais com cinco mulheres sobre o tema: “Ser mulher: considerações vinculadas ao gênero feminino implicadas na formação da identidade da mulher contemporânea”.

As entrevistas realizadas foram abertas, investigando o que é ser mulher para cada uma das entrevistadas. Todas as mulheres entrevistadas eram adultas, casadas, mães, avós, na faixa de idade que variou dos 34 a 60 anos, inseridas ou não no mercado de trabalho e pertencentes a classes sociais diferentes.

A partir das descrições através da fala das entrevistas agrupamos em unidades de significado que revelam os fundamentos que delineiam a estrutura da experiência vivida.

Foram usados para análise do tema a correspondência dos elementos de significados referenciados no estudo de vários autores.

Essas respostas foram agrupadas em categorias que serão abaixo descritas em unidades de significado:

- vaidade;
- maternidade;
- casamento;
- família;
- poder.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta pesquisa foi destacada alguma categoria que mais aparece na fala das entrevistadas quando se referem aos adornos comumente usados pelas mulheres na cultura atual como referência à feminilidade.

A vivência da vaidade aparece arraigada à cultura paternalista, como em Alves (2000), na qual a mulher deve servir ao homem.

“... A partir dos cinco anos quando minha avó me levava para trabalhar, me ensinava a usar o dinheiro para comprar coisas para a casa e não podia comprar brincos, pulseiras, batom. Eu queria comprar porque queria ir às festas da cidade e me enfeitar e chamar a atenção dos rapazes porque eu não era igual às moças ricas que chamavam a atenção porque eram ricas...”.

“... Sou muito feliz com meu marido. Passo batom toda noite para esperá-lo...”.

“... A vaidade que caracteriza a mulher, isto é, usar o batom, penteado, postu-

ra, faz a mulher mais segura de si...”.

Pode-se confirmar o aspecto definidor do ser mulher como identidade vinculada à maternidade. A expressão da vivência no aspecto biológico e do dever para com a vida obscurece e fragiliza sua natureza enquanto essência, colocando-a como algo do destino e conseqüentemente fechada para outras possibilidades, uma vez que essa condição se apresenta encerrada em si mesma no manto da santidade (GRISCI, 1995).

“... A maternidade foi planejada sem crise, pois já sabia como cuidar de bebês, pois cuidei dos meus cinco irmãos...” “... Por 15 dias minha feminilidade foi abalada e fiquei me questionando por que perdi meu útero...”.

“... Privilégio de ser mãe, privilégio no aprendizado com minha mãe...”.

“... Ser mulher é dizer um grande sim para a vida, a mulher nasce com um encargo, procriar...”.

“... A mulher assume sua maternidade, cuidando dos filhos, cuidado com o que fala ou que não fala, vigiar filho até que ele precise, à noite eu poderia dormir, mas com o filho isso não depende mais da minha vontade...”.

“... A mulher é aquela que providencia e dá soluções para o mundo. Maria, mãe de Jesus, ao ver que não tinha vinho na festa de casamento de Canaã, pede para seu filho que transforme a água em vinho...”.

Nos relatos das vivências encontramos o que Alves (2000) aponta como influência cultural na qual a mulher é escolhida e ao mesmo tempo em que é comandada, pela dinâmica familiar, no sentido do casamento. Desta forma a mulher tem como tarefa ser cuidadora do lar e dos filhos como papel a ser cumprido:

“... Desde onze anos sempre tive a dúvida de que não poderia ter intimidade com nenhum homem a não ser aquele que viesse a ser meu marido...”.

“... Aos 19 anos eu abandonei minha faculdade de História para me casar. Todos os papéis que representei nas diferentes fases da minha vida foram importantes e bem vividos. O primeiro papel que representei foi o casamento, pois antes estava vinculada à minha família...”.

Como Alves (2000) destaca e fica evidenciado na fala das entrevistadas, o aspecto do vínculo familiar como regente do comportamento da mulher relegando a ela a submissão, obediência, respeito, delicadeza, habilidades manuais, pureza, como atributos de “boa moça”.

“... Antes do casamento eu era vinculada à minha família e a minha cultura era norteadada sempre de que os mais velhos sabem mais” “... Quando fiz a opção de fazer a faculdade, surpreendi minha família inteira...”.

“... Tive privilégio no aprendizado com minha mãe; respeito por tudo e a todos em vários segmentos do cotidiano porque a mulher é mais sensível...”.

O sentimento de detentora de um poder aprisionado aparece nos relatos, como também a manifestação deste poder e quando lhe é proporcionado o papel de provedora e participante da renda familiar. Como Murano (1997) relata sobre a mudança do domínio público e privado da mulher em relação ao homem.

“... O que muitas mulheres fazem e que eu não faço é dar satisfação ao marido das coisas que são próprias dela. Porque eu trabalho honestamente e acho que não devo dar satisfação para o homem daquilo que é conquistado por mim...”.

“... O gênero feminino é muito discriminado e banalizado no mundo inteiro em termos financeiros. Quando a mulher conseguir perceber sua importância para a humanidade o mundo será diferente...”.

“... A mulher enfrenta batalhas para proteger a sua causa porque o ambiente externo a discrimina e a desvaloriza...”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar e compreender junto ao campo da construção teórica o ser mulher como fenômeno formador de uma identidade. Buscou-se nas descrições das experiências de mulheres adultas chegar aos significados existenciais inerentes à vivência do gênero feminino.

Encontramos aspectos na formação dessa identidade que atravessam gerações e que se estabelecem nos anos de formação da mulher, no seu círculo familiar, através de processos imitativos. Esses processos acabam por impedir a mulher de alcançar sua liberdade pessoal para a manifestação de uma vivência autêntica, agindo de acordo com o que dizem ser certo ou errado, obedecendo a ordens e proibições sem indagar suas origens e motivações.

As vivências da vaidade, da maternidade, do casamento e da família aparecem presas a uma rede de impedimentos que dão à identidade feminina uma moldura que a delimita.

Porém, a vivência subjetiva de ser detentora de um poder se apresenta configurada em cada ação e demonstra que o “ser mulher” contém uma força latente que anseia por manifestar-se em sua natureza. A experiência objetiva da vivência feminina contradiz a experiência subjetiva. Essas forças opostas em que uma anula a outra levam-nos a refletir sobre o que Lacan declara quando diz que “A mulher não existe”.

Consideramos que a cada mulher cabe definir e dar forma à sua identidade, respeitando suas profundas e legítimas inclinações. Os diferentes aspectos do feminino se fazem notar com intensidades diferentes em cada ser feminino, não havendo, portanto, um padrão de escolha entre as diferentes possibilidades de manifestação do feminino. Liberdade que instala a possibilidade e o risco de ser fiel a si mesma, convidando a mulher a ousar traçar caminhos originais; embora tal condição possa gerar ansiedade e desorientação, seria um preço pequeno diante de um bem tão valioso quanto a liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M.E.S. *Pelo avesso da cultura: o feminino*. Insight Psicoterapia, 1992.
- ALVES, Z.M.M.B. Continuidades e rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol: 16, n. 03, p. 233 – 239, 2000.
- BANDEIRA, L.M.; OLIVEIRA, E.M. *Trajetória da Produção Acadêmica sobre as Relações de Gênero nas Ciências Sociais*. XIV Encontro Anual da ANPOCS, 1990.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo a experiência vivida*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- GRISCI, C.L.I. *Mulher – mãe*. *Psicologia Ciência e Profissão*, p. 12 – 17, 1995.
- LEVINSON, L. Teoria do Desenvolvimento. In: BEE, H. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MURARO, R.M. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- SCOTT, J. *Gênero uma categoria útil de análise histórica*. *Educação e Realidade*, p. 71-99, 1995.
- VELAZQUES, S. Hacia una maternidad participativa. In: BURIN, M. et al. *Estudios sobre la Subjetividade Feminina Nuzeres y Salud Mental*. Buenos Aires, 1987.